

18 AGO 1984

Atualidade econômica

Bancos mandam auditores para avaliar a economia

Brasil

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Os credores externos reforçam o quadro de auditores no Brasil. Na próxima segunda-feira, enquanto a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) voltará a conversar com os ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazenda, Ernane Galvães, e mais o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, chegarão a Brasília os economistas dos bancos integrantes do subcomitê de Economia do comitê renegociador da dívida brasileira: Douglas Smee, do Banco de Montreal; James Nash, do Morgan Guaranty Trust; Robin Chapman, do Lloyds Bank; e Thomas Trebat, do Bankers Trust.

Os quatro novos visitantes vêm apanhar os mesmos dados entregues pelo Banco Central à missão do FMI para a interpretação própria dos bancos. O chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Silvio Rodrigues Alves, informou que a missão do Fundo chegou à fase final de coleta de dados e já passou à fase de projeção do comportamento da economia brasileira até o final do ano.

O chefe da missão do FMI, Thomas Reichmann, passou o dia de ontem em seu apartamento no Hotel Nacional, elaborando suas projeções a serem discutidas segunda-feira na primeira da série de encontros que terá com Delfim, Galvães e Postore.

Os cinco economistas do FMI — além de Reichmann, Ana Maria Jul, Henri Ghesquiere, Joris Buyse e Robert Sheehy — permanecerão em Brasília neste final de semana e até têm encontros programados com técnicos do Banco Central. A economista Ana Maria Jul revelou que a tendência é a missão concluir, na próxima semana, o acordo para a elaboração da sexta carta de intenções do Brasil ao FMI. Porém, Reichmann foi mais cauteloso e disse que o fluxo do trabalho sempre é muito difícil e sujeito a atrasos.

O staff do FMI ainda não aprovou o cumprimento das metas fixadas para o primeiro semestre, embora as autoridades brasileiras garantam que elas foram mais que cumpridas. Ambos os lados concordam que o desempenho do primeiro semestre deve garantir ao Brasil, sem problema, o saque de nova parcela de US\$ 390 milhões do financiamento ampliado do FMI, no próximo mês.

O chefe da missão do FMI explicou que está preocupado com as mesmas coisas que preocupam as autoridades brasileiras, ao justificar sua atenção especial com a evolução do déficit da Previdência Social, a crise do Sistema Financeiro da Habitação e os efeitos da indexação da economia brasileira sobre o processo inflacionário. Bem-humorado, Reichmann observou que "ao FMI interessa tudo o que está acontecendo", mas sem nenhuma referência direta à sucessão presidencial.